



GÊNEROS REITERADOS E NEGOCIADOS: MULHERES CARIRIENSES E SUAS FALAS SOBRE POLÍTICA

Antônia Eudivania de Oliveira Silva¹

Universidade Federal do Rio grande do norte-UFRN

E-mail: eudivanciasilva@gmail.com

ORIENTADORA: Berenice Bento²

Universidade Federal do Rio grande do norte-UFRN

Nos últimos anos tive a oportunidade de acompanhar a ascensão política de algumas militantes de movimentos feministas no Cariri Cearense. Ou seja, mulheres que passaram de forma eletiva a ocupar cargos públicos no legislativo das principais cidades da região. Essa transição de espaço de atuação das referidas militantes despertou-me à possibilidade de um aprofundamento dos estudos desenvolvidos anteriormente, direcionando-os a partir de agora ao tema da condição da mulher na região do Cariri-CE, com foco na atuação política institucional.

Nas eleições de 2008, as cidades de Crato, juazeiro do Norte e Barbalha, as maiores e principais cidades da região do Cariri, elegeram ao todo sete mulheres para câmara de vereadores, maior percentual até então. É certo que nos últimos anos projetos e medidas vem legitimando a participação efetiva das mulheres nos espaços públicos formais, um dos exemplos mais expressivos foi a aprovação da lei nº 9.504, que estabelece uma cota mínima de trinta por cento (30%), para as mulheres em cargos eletivos e uma cota máxima de setenta por cento (70%), para qualquer um dos sexos. No entanto, as dificuldades que essas leis têm enfrentado para sua efetivação demonstram que só a aprovação não tem sido o suficiente para mudanças de uma cultura política que, historicamente, alijou as mulheres dos espaços de participação do

¹ Antônia Eudivania de Oliveira Silva (UFRN)

² Orientadora: Berenice Bento (UFRN)



poder. Observar a implantação desse tipo de lei tem estimulado reflexões em varias vertentes sobre o enfrentamento da questão levantada quando se estuda relações de gênero e política.

A proposta de estudo é ter como referencia o campo da política para investigar questões quanto às atuais possibilidades do gênero feminino. E essa é uma tarefa que se mostrou, ao longo do caminho complexa, devido a suas imbricações e interfaces. O campo da política já é marcado por si só por uma construção ou procura individual por legitimidade, no entanto, maximizamos esse quadro ao tratarmos de candidaturas femininas. Diz Barreira (1998), que essas entram no páreo “com a complexidade do pedido de licença para o reconhecimento”, inclusive de que podem estar ali, pois elas não aparecem apenas com a força partidária ou com os atributos pessoais, “as mulheres entram no cenário político com o estatuto de gênero” (BARREIRA, 1998. P. 105).

Sendo assim, indagamos: de que maneira o gênero feminino se legitima no espaço publico de governabilidade? Quais qualidades são eleitas pelas próprias mulheres para ocuparem esses espaços que por tanto tempo foram inapropriados para a “condição feminina?” E de que forma os movimentos de mulheres influenciaram na conquista direta por esse espaço? Nesse esforço de construir essa relação de legitimidade da mulher nos espaços públicos, não podemos, aqui, deixar de reificar a força e as lutas dos movimentos feministas que evidenciaram a condição da mulher e trouxeram mudanças importantes quanto às possibilidades de se conceber as relações sociais. Compreendo que a conquista feminina do espaço formal da política – entendendo esta como a que dá acesso a governabilidade – que vem ao longo dos anos se consolidando, traz consigo discussões que vão muito além de concepções políticas ideológicas (BARREIRA, 1998) e/ou questões sobre as divisões do espaço em publico e privado, elas chegam ao que cada sociedade concebe como sendo homem ou mulher (SCOTT, 1990).

Diante desse quadro procuro refletir sobre suas trajetórias políticas, seus entraves e suas aberturas à participação política institucional? Como se dava a relação com a família, os filhos e de que forma conciliavam os mundos públicos e privados? Os



aprofundamentos nessas questões nos levaram a discussões pertinentes sobre a condição feminina diante dessas relações e, principalmente, nos fez vislumbrar mais uma vez a iminência de “outros” atores sociais. Nesse campo há outras possibilidades do feminino, e estas estão aqui em pleno processo.

Entre gênero e política: Falas sobre o estar lá

Para Irllys Barreira (1998) é possível pensar que, a longo prazo, o aumento crescente das mulheres no cenário político promova uma desnaturalização dos atributos de gênero ainda fortemente explorados. Levando em consideração o Cariri cearense, eu não diria ainda desnaturalização nos termos de Barreira, mas elucidaria, que a crescente influencia das mulheres na política formal está reiterando os gêneros feminino e masculino, e encontrando novas funções para os mesmos, bem como, encontrando novos lugares para o gênero feminino.

Eu sei que dizem que é mais difícil para as mulheres, pode até ser, mas eu não sinto muito isso não, sabe por quê? Porque minha vontade de estar lá é maior. A gente só tem que enfrentar esse espaço, sabe? Eu gosto daquilo tudo ali, e se for só homem que gosta de política, de disputa, de briga... Então já vi que eu não sou mulher (Delian Matos. 43 anos. Janeiro de 2013. Juazeiro do Norte-CE).

Falo aqui em reiteração de posições, porque as mulheres que estão ocupando o espaço da política formal no Cariri cearense, não estão desconstruindo uma velha imagem da mulher, como portadora da sensibilidade, do carinho, como a pessoa que cuida e se preocupa, como mãe zelosa. Elas reforçam essa ideia e reposicionam essas características que dizem ser próprias do feminino, como algo extremamente positivo e agora necessário para o campo da política. Isso tudo somado ao gosto pelo público, pela disputa e a vontade de ajudar os outros, faz desse um lugar ideal para a ação feminina.

De todo modo, o que acredito ser novo pensando em mulheres efetivamente participando da política formal é o fato de que essas mulheres no Cariri se apropriaram de um discurso onde a política precisa hoje de uma novos atores e novas formas de atuação.

Eu lhe digo aqui que qualquer mulher que se dedique a política, que ganhe ou que perca ela é uma heroína, porque ela tem filho, tem marido, tem trabalho,



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

e a responsabilidade não é mesma coisa pra um homem e pra uma mulher, você sabe disso. Uma mulher quando inventa de vir pra esse lugar aqui, ela vem pra fazer alguma coisa de verdade, ela não vai ser enfeite não. A política ta feia sim, eu mesma me decepcionei muito quando cheguei aqui, até o dia em que eu percebi que não era a política, eram os políticos, esses tem que mudar. Os homens, os meus companheiros, nunca fizeram nada sozinhos, tem um monte de gente para fazer as coisas por eles, eles só mandam, foi isso que eles aprenderam a fazer, mandar. E chega uma hora na política que você precisa fazer com as próprias mãos, eu faço isso (Joana Pedrosa. 48 anos. Agosto de 2012. Crato-CE).

Tem que mudar muita coisa viu, mas principalmente eu acho que a gente precisa de gente nova, de pessoas que não estejam viciadas ainda naquele jogo. Não sei se só a mulher da conta disso, mas acho que começar por elas para mudar essa realidade já é um começo. A gente entra com coragem, com sensibilidade e sendo fiel, são características que fazem parte da mulher e que estão fazendo falta na política de hoje em dia (Mira Sampaio. 46 anos. Novembro de 2013. Juazeiro do norte-CE).

Diante do atual quadro político nacional essas mulheres evocam outros sujeitos sociais para assumir o estado, um sujeito não viciado nos jogos políticos, com coragem, fiel aos seus, com força para lutar, que entenda que a vida não é fácil e que saiba se colocar no lugar dos outros, porque só assim pra entender as necessidades dos outros e cuidar como se deve. Essas mulheres descrevem como novo sujeito para política o que elas acreditam que elas representam, e assim elas se fazem necessárias e legítimas do campo da política.

Nós somos diferentes em tudo ali dentro. Por mais que nós tenhamos nossos conflitos, porque tem que ter eu me sinto respeitada por eles. Eles me tratam com carinho porque eu mostro para eles que a mulher é para ser tratada com carinho. Independente do grupo político, e essa é uma coisa minha de mulher, eu procuro em toda sessão cumprimentar os meus colegas com um beijinho, mesmo que eles não tenham o hábito, eu dou um beijinho na cabeça, como uma mãe faz com um filho. E mesmo eu sendo mais nova que muitos deles eles me tratam como uma mãe. Eu me preocupo com os problemas deles, com os filhos deles, brigo quando eles tratam mal suas esposas. E assim mostro que na condição de mulher nós podemos ajudar até nossos colegas de trabalho que são homens. Penso que se tivéssemos mais mães ocupando cargos políticos nossa política seria outra (Joana Pedrosa. 48 anos. Agosto de 2012. Crato-CE).

Vera Soares (2013) em artigo intitulado *Percepções e atitudes: mulher e participação política*, diz que houve mudanças e avanços nas percepções das mulheres da sua própria condição de mulher. Cabe-nos perguntar, qual o alcance destas mudanças, e que tipo de avanço traz para a mulher na sociedade brasileira. Para Soares (2013) as tensões e complexidades das identidades femininas que se apresentam não nos permitem ainda



assertivas ou conclusões finais, mas podemos dizer que apontam para outra redistribuição das responsabilidades, no que diz respeito as famílias, as empresas, ao estado, enfim ao que diz respeito a todo o mundo social (SOARES. 2013. P. 338).

Reiterando lugares, status e gêneros: A legitimação das mulheres caririenses na política local

As mulheres que estão na política formal no cariri, se veem dignas e capacitadas para estarem ocupando esse lugar, e elas creditam isso a partir da sua própria condição de gênero. São as qualidades femininas que as tornam, segundo elas, próprias para o cargo, mais que isso, o campo da política precisa e é carente dessas qualidades femininas, para de fato a política servir a sua comunidade. Desse modo o que antes as afastavam da política formal é o que as legitima nesse campo: suas qualidades femininas.

Desse modo, elas tornam possível negociar o ser mulher, apreendendo as regras do campo e ao mesmo tempo criando novas formas de estar lá. Acredito que para os estudos de gênero esse quadro se torna relevante pois podemos perceber mulheres se reinventando, agregando novos valores e elas mesmas a aos campos onde estão se inserindo, fazendo com que haja expectativas da uma ação feminina em lugares antes dominados pelos status masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Política; Gênero; legitimidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Natal, Rio grande do Norte, EDUFRN, 2014.

BARREIRA, Irllys. A. F. **Chuva de Papéis - Ritos e Símbolos de Campanha Eleitoral no Brasil.** RIO DE JANEIRO: RELUME DUMARA, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

MARQUES, Roberto. **Gênero, agência e trânsito de mulheres no Cariri contemporâneo**. In: SILVA, M. A; BENEVIDES, N. Z. e OLIVEIRA JUNIOR (org). As vozes do tempo: polissemia das fontes históricas. Fortaleza: EDUECE, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Educação e realidade, Porto Alegre, V. 16n. 2, 1990.

SOARES, Vera. **Percepções e atitudes: ser mulher e participação política**. In: VENTURINI; GODINHO. Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. SESC SP. Fundação Perseu Abramo. 2013.